

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

Neste momento não sabemos ainda a Junta que vamos ter: se esta (este Presidente) se outra que o resultado das eleições eventualmente indique. A quem quer que seja, nós gostaríamos de deixar aqui um recado: queríamos lembrar fundamentalmente que Fão é uma terra com características especiais que lhe conferem uma identidade própria, características e identidade que têm de ser preservadas acima de tudo e contra todos. A natureza, de mãos dadas com a tradição, tornaram esta terra singular e por isso mesmo fascinante para muitos que a visitam.

Vamos então defender o que é natural: rio, pinhal e mar e vamos ainda manter o cunho, a traça das nossas ruas, casas e caminhos. Começemos pelo pinhal, o mais ameaçado dos elementos naturais que enriquecem Fão. Está a ser inexorável e sistematicamente delapidado e não se julgue que são só os abates furtivos que o destroem, pois os próprios donos abrem e alargam camufladamente clareiras com o único objectivo de atraírem possíveis construtores de

casas. Como o terreno está sem pinheiros, a Câmara não vai dizer que não ... é o que se pensa. No início da Rua Capitão Larcher, melhor dizendo, no início do pinhal que ladeia essa artéria, encontra-se colada a um pinheiro uma tabuleta indicando a venda de 5000 metros quadrados, o que equivale a dizer que ali vão ser abatidas as árvores e levantado um conglomerado de edifícios.

O povo de Fão deve opôr-se firmemente a tão funesta ideia. Mas que povo? Este mesmo povo que numa Assembleia de Irmãos da Santa Casa

RECADO À JUNTA

apoiou por setenta votos contra dois uma proposta da Mesa para esta poder vender o frondoso pinhal da Bonança, uma «deixa» da finada Almerindinha, sabendo todos de antemão que tal venda significava a razia de centenas ou milhares de árvores, árvores que são um chamariz de visitantes, uma referência muito importante do turismo fangueiro? O povo é sereno e generoso mas às vezes revela-se inconsciente e apático e para obviar a tais «desatenções» a Junta lá deve estar: vigilante, activa e surda, sempre surda a medianeiros partidários e a toda a sorte de aliciamentos, pressões e ofer-

tas. Uma Junta que cede a um pedido ilegítimo (e ilegítima é toda a acção que prejudica a comunidade) é uma Junta traidora.

O pinhal de Fão, condenado desde há muito pelo derrube das árvores e pela venda de terrenos, está ainda a ser vítima de grande quantidade de poluentes que sistematicamente estão a ser lançados no seu seio, umas vezes de noite e outras à luz do dia. Claro que esta baldeação contínua vai acabar por contaminar o lençol hídrico subterrâneo, isto é, a quantidade de água que existe

debaixo da terra. O meio ambiente deserta-se pela acção dos produtos químicos e depois nem plantas, nem ervas, nem legumes. Talvez uma hepatitezinha para variar.

É muito importante que os nossos autarcas se mentalizem de que não deve ser incentivada, antes impedida, toda a espécie de indústria poluente.

Fão precisa de indústrias mas que nenhuma prejudique o ambiente natural que é também uma riqueza, um poderoso chamariz turístico e uma fonte de saúde e bem estar.

(continua)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

P. e António Alves Nogueira

O P.º Nogueira conseguiu vencer a férrea oposição que lhe fora levantada por uma parte significativa dos fangueiros e acabou por tomar conta da sua paróquia, ou antes, acabou por poder vir habitá-la em Junho de 1921. Se na primeira parte nos demorámos a descrever o ambiente bombista por alturas da sua nomeação, fizemo-lo com o intuito de realçar o seu grande mérito em reduzir, em fazer desaparecer toda a obstrução que lhe fora levantada, transformando os inimigos de véspera em incondicionais e dedicados admiradores.

(continuação)



Quando entramos em contacto com o «Senhor Prior» foi já na década de trinta, lá para o fim, e nessa altura não nos apercebemos de qualquer movimento contestatário. Anos antes, em 1926, quando se pensou criar a Corporação de

(Continua na pág. 4)

As alcunhas fangueiras e o seu valor

Quando recebi o n.º 18 de «O Novo Fangueiro», verifiquei que para além do extracto que fornecera a este jornal, inseriu na página n.º 6, um trabalho intitulado «Alcunhas Fangueiras», como sendo um trabalho colectivo dos alunos de Fão.

Contudo, quando recebi o número seguinte, em que o trabalho era continuado, verifiquei que estava a ser publicada a transcrição do trabalho de um dos alunos, de que possuo uma cópia.

Porém, não é por esta razão que eu venho ao encontro de V. Ex.ª, mas pela importância de que se reveste a publicação de tal trabalho.

Compreendo a preocupação de algumas pessoas de Fão, que vêem a sua alcunha publicada neste trabalho, mas não vejo razão para a sua aflição, pelos motivos que passo a apontar.

O estudo das Alcunhas, faz parte da Antroponímia, que constitui a ciência que

(Continua na pág. 5)

ALCUNHAS FANGUEIRAS

M

MARROCO —
MARTINI —
MATA — Viviam próximo de uma mata.
MATA-CAES — Matava todos os cães que lhe rondavam a porta.
MEIJA — Andava sempre a «mijar».
MELADO —
MEBRINHO —
MENA —
MESTRINHA — Ensinava as crianças antes de irem para a escola.
MEXILHÃO —
MICHARRO —
MILORDES —
MINADA — Houve nessa casa um furto e ficou «minada».
MIRROXA —
MOIRA — Procurava enganar todo mundo.
MOLEIRO — Havia um antepassado moleiro.
MONA —
MUJICA —
MÚSICO DE BARRO — Era muito gordo e corado.

N

NORDELAS —

O

OVELHA —
OX — Sempre que se ria com muita vontade, as suas gargalhadas produziam o som «OX».

P

PADEIRAS — Possuíam uma padaria.
PAISANO — Esteve muitos anos em Espanha

e lá se usava este termo (como cá se diz: «eh camarada»).

Então sempre cumprimentava:

«Eh paisano! Então paisano!»

Ficou-lhe o paisano.

PANDEIRETA — Mulher divertida que gostava de ir a todas as festas. Quando chegava e lhe perguntavam se a festa tinha sido a festa ela sempre respondia: «Pandeiros e pandeiretas, não faltaram!».

PANQUINHA —

PANTOMINA —

R

RUSSO — Havia um antepassado que era loiro.

S

SAMARITANA —

SAPAS DA ABARROSA — Moravam pobres junto de uma lagoa.

SARAGOÇA —

SAÚDES — A mãe era Maria da Saúde.

SECURA — Uma pessoa na família era muito avarenta, não dava nada a ninguém, era mesmo uma secura.

SENHORA DO LEITE — Feiosa, tesa, de peito grande.

SENHORINHA — Homem com um andar cheio de tiques, como uma senhora.

SERRADOR — Era serrador numa fábrica.

SETENTA — Andava sempre a contar o dinheiro para ver quanto tinha e dizia que só queria ter 70.

SINEIRA —

SOLA —

SORRISO —

SOTINHA —

T

TIGELINHAS DE OURO — Nessa casa durante umas obras, foi encontrado um pote de libras.

TINENTE — Na escola quando brincavam aos soldados, ele, pequeno, pegava num pau, metia-se à frente, e dizia sempre: «Eu sou o 'tinente'».

TOLANTES DO TORO —

TREZE — N.º de bombeiro.

TROLHA —

TUTA — Ia muito pescar trutas mas como não falava bem dizia: Já vou, vou às tutas.

V

VACA-NEGRA — Criava gado e possuía uma vaca toda preta, a quem chamavam negra.

VENTOSAS —

VIGAS —

VINTE — N.º de bombeiro.

VINTE E NOVE — N.º da tropa.

VOLTAS — Pessoa atarefada, sempre a correr na rua. Se lhe perguntavam porquê, ela dizia: é que ainda tenho de dar umas voltas...

X

XAREN —

N. R. — Para completar este trabalho faltam duas páginas que pensamos apresentar no próximo número.

Assembleia da Santa Casa

No penúltimo domingo realizou-se a Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia. Boa presença de irmãos e de elementos de Junta.

Foi concedido o título póstumo de Irmã-Benemérita a D. Arminda Ferreira da Cunha Costa, saudosa esposa do nosso amigo Abel da Costa, pelos grandes serviços prestados ao Hospital.

Não nos sendo possível esgar presente, congratulámo-nos com a justa homenagem.

Na mesma assembleia ficou reeleita a Mesa anterior.

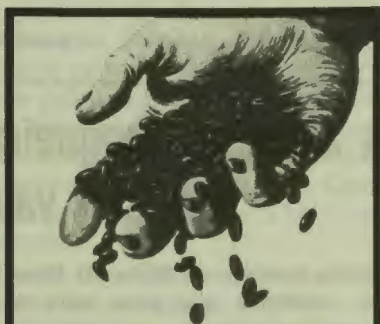


FALECIMENTO

Com avançada idade faleceu em Espoende, no dia 7 do corrente, D. Maria Amélia Loureiro Losa, mãe extrema dos nossos amigos, Eng. Alexandre Losa Faria, António Losa Faria e Manuel Laurentino Losa Faria.

O enterro realizou-se na tarde de domingo com grande acompanhamento de pessoas.

A família endereçamos sentidos pêsames.



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

Instalações para o Posto Médico

O nosso colega «Nascer de Novo» no seu último número, falando das novas instalações para o posto médico aponta como terceira hipótese de local o edifício do Grupo dos Amigos de Fão.

Chocamo-nos vivamente com a alusão que se faz ao edifício, já que tal hipótese admitida pelo correspondente de Fão, além de irrealista é chocante e até difamatória. Chocante porque se esquece o papel valiosíssimo que aquela Casa prestou a Fão, esquece-se todo o seu historial que remonta já ao ano longínquo de 1939. A notícia revela desconhecimento da realidade que é Fão.

Difamatória porque a certa altura diz que a sua utilização se faz... nem sempre com edificação do público. Isto é ofensivo sobretudo por vir de quem vem. Ai senhor Prior: POR AI NÃO!...

No próximo número voltaremos ao assunto.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O BANCO DO APOIO REGIONAL

O PSD no concelho movimentou-se

Em Belinho, realizou-se uma conferência de imprensa para o autarquia municipal.

A noite, no Ginásio da Escola Secundária de Esposende, realizou-se um jantar-convívio que teria a presença — anunciou-se — de vários ministros, casos do Eng. Oliveira Martins e dr. João de Deus Pinheiro, que não puderam estar presentes. Compareceram o Eng. Eurico de Melo, o dr. Couto dos Santos, que é natural de Forjães, e o dr. Marques Mendes que chegou mais tarde.

Disseram-nos que estavam presentes mil e trezentos simpatizantes. O ambiente, pelo que pudemos constatar, era bastante caloroso.

Na conferência de imprensa foi afluído o caso das Marinhas, mais concretamente o derrube de uma vedação de um terreno de cerca de 7000 metros e que é do domínio público.

Ao que consta a Câmara reuniu na quinta-feira anterior para deliberar sobre a demolição do muro, demolição que foi aludida por quatro votos contra três.

— Por que não votaram os vereadores do P.S.D. a demolição? — perguntou-se.

Não estavam devidamente informados sobre o assunto, foi esclarecido.

É, porém, do domínio público que a Câmara de Esposende decidira em 1984 que nos terrenos junto ao mar que vão desde o Cávado à Foz do Neiva, eram baldios, o que aparentemente dava força à decisão camarária de destruir a vedação erguida nas Marinhas.

Isto tudo leva a concluir que o caso das dunas a norte do Cávado não está ainda encerrado e que a posição das várias forças políticas do concelho não é similar.

O que nos reservará o futuro?

O PRD também apresenta listas

Vindo do nada, porventura saído do desencanto que se abate sobre o país, o P.R.D. surpreendeu tudo e todos com os resultados conseguidos nas últimas eleições legislativas.

Sem trabalho de maior, diga-se. Em Esposende ainda houve uma sessão, mas na vila fangueira no se fez nada e os resultados foram surpreendentes.

Na sede do concelho os simpatizantes do Partido Renovador encontraram-se, reuniram, firmaram propósitos e no dia 30 de Novembro, em casa própria, promoveram um sessão para apresentar os candidatos à Câmara Municipal, à Assembleia da Freguesia de Esposende. «O Novo Fangeiro» fez uma pergunta: A nível local o P.S.D. terá alguns espaço para ocupar?

— Pelos resultados das eleições verificam-se desfazamentos entre os votos conseguidos nas autarquias e nas legislativas. O caso do P.S. é flagrante. Nós pensamos captar esses votos desviados.

N.F. — A Câmara actual não satisfaz as vossas aspirações?

— Verificam-se defeitos que nos descontentam: a subordinação da Assembleia à Câmara é um facto e o contrário é que está certo; não se verifica transparência na gestão do órgão camarário; os concursos para admissão de pessoal não nos parecem exemplares os fornecedores da Câmara são preferenciados por causas que nos escapam; o mesmo acontece com os empreiteiros, etc.

N.F. — E quanto aos terrenos baldios que vão do Cávado ao Neiva?

— Desconhecemos o problema e por isso não nos pronunciamos. De qualquer modo não concordamos com o plano de obras apresentado pela Celanus.

N.F. — Mas quanto à posse?

— Desconhecemos os «dossiers».

CARTAS AO DIRECTOR

Exmo. Senhor
Director do Jornal
«O Novo Fangeiro»

Fão, 14 de Novembro de 1985

Ao ler o v/ artigo «Alcunhas Fangueiras», deparei com o que considero graves erros e injustiças, venho por isso junto de V. Ex.ª, esclarecer o seguinte:

1.º — Não foram algumas alunas que elaboraram o trabalho, mas sim um conjunto de alunos de que eu por exemplo fazia parte.

2.º — Além disso, as alunas a que o artigo faz referência, nem sequer fizeram o trabalho em conjunto. Eu formava um grupo com uma das citadas alunas, no qual muito me empenhei. A outra fazia parte doutro grupo, para além do contributo de outros alunos.

Uma questão se coloca: para quê o destaque dado à Almerinda e à Célia, se o

trabalho foi fruto do esforço de vários alunos?

Para terminar, sugiro que daqui para a frente, ao elobarem o v/ artigo, façam uma análise completa dos trabalhos para que o artigo seja mais completo e mais exacto, o que não tem vindo a acontecer.

Esperando o esclarecimento dos leitores, subscrevo-me com elevada estima e consideração.

De V. Ex.ª
Atentamente
Oscar Viana

N. R. — Apresentámos esta carta ao dr. Joaquim Peixoto que deu a seguinte resposta:

Não houve «graves erros nem injustiças» ao indicar como autoras do trabalho as alunas Célia e Almerinda. Estas alunas não só fizeram este trabalho sobre as alcunhas como continuaram a cooperar noutros trabalhos de pesquisa fangueira o que não aconteceu com o consignatário. Ainda hoje guardamos que seja entregue o trabalho sobre «Cordoaria Fangueira» que o aluno boicotou ou se recusou a fazer. A minha opinião é que esse aluno não merecia o seu nome, embora tenha realizado um trabalho semelhante sobre alcunhas que continua arquivado na biblioteca da Escola.

ROSTO

Quando passo descuidado

Pelas ruas da cidade

E alguém, parando, me encara,

Fico todo atrapalhado,

Pois noto que vê na cara

A minha interna verdade.

Que maravilhoso o rosto!

— Nosso espelho natural;

Pois quer queiramos, quer não,

Mostra sempre o lado oposto,

O lado do coração,

Que é nossa face real.

DINIS DE VILARELHO
Porto, Fevereiro de 1985

Paredes sujas

Por ocasião das eleições as paredes cobrem-se de cartazes. O edifício dos «Amigos» é o mártir do costume. Parece que a Direcção tinha combinado com os partidos a não colocação de papelada, tanto mais que um benemérito tinha pago a despesa da pintura do edifício.

Ultimamente surgiram placards para afixação de cartazes.

Fazemos um apelo aos eleitores: votem nos partidos que menos borrarem as paredes. Seríamos pioneiros no tratamento!...

FÃO DE ANTIGAMENTE



Uma fotografia dos bons belos tempos. Devia ser uma festa na Barca do Lago. Vêem-se o Qui, Júlio Monteiro e Eurico. Aquilo é que eram tempos, rapaziada!...

P. e António Alves Nogueira

(Continuado da pag. 1)

Bombeiros, foi ao Pároco que esses entusiastas fangueiros se dirigiram em primeiro lugar e dele tiveram a mais pronta adesão tanto que o seu nome aparece como Presidente da Assembleia Geral. Parece-nos, pois, ser de exaltar e destacar em primeiro lugar esta capacidade de voltar a unir as famílias desavindas de Fão, não deixando sequelas de ódio em quem quer que fosse. Durante muitos anos convivemos de perto com o Sr. Prior Nogueira e ao longo desse período pudemo-nos aperceber da grande admiração em que era tido pelos paroquianos, mormente por aqueles que mais se tinham oposto à sua vinda. Estamos a retirar do fundo da nossa memória o «Sr. Silva da estrada», outrora um opositor destacado, mas que nós víamos a falar com o Sr. Prior com muita deferência e respeito, e ainda o Sr. Moraes, um indivíduo casado com a D. Albertina e que se tornara um cordial amigo do Pároco de Fão. No entanto corria entre a malta que ele, Moraes brasileiro, andara «naquele tempo» (1) de espingarda na mão a gritar pelas ruas: «Eu mato ele! Eu mato ele! Este «ele» era o Prior Nogueira. (Lembras-te, Umberto?)».

A vida do antigo pároco da nossa terra veio modelarmente impressa na

Núcleo da Cruz Vermelha em Esposende

Sob a presidência do dr. Manuel Pimenta, de Braga, tomou posse no Salão Nobre da Câmara, no dia 17 de Novembro, a Direcção do Núcleo da Cruz Vermelha de Esposende que ficou assim constituída:

Presidente — António Martins de Oliveira; vice-Presidente — Américo Jorge Penteadó Neiva; vice-Presidente — José Alberto Costa e Silva; Sec. Administrativo — João António; Vogais: Isolina Fernandes Igreja, Ana Zita do Céu Losa de Carvalho, Maria Rosa Reis, Maria Fernandes Costa e Fausta Campino.

Págian de Fão de o jornal «O Cávado» (Janeiro de 1957) de que colhemos a seguinte extracto que de uma maneira lapidar resume aquilo que foi a sua vida:

«O Senhor Prior viera para trabalhar; era um padre inteligente, parquiando uma freguesia desorganizada e muito analfabeto nas coisas de Deus. Psicólogo, dinâmico, dedicou-se em primeiro lugar às criancinhas a quem estremeceia; fundã a Cruzada Infantil, organiza um sistema de Catequese exemplar e ... com sangue, suor e lágrimas, ergue esse magestoso Salão Paroquial que ficará a gritar aos vindouros a energia e o poder de acção do nosso antigo Pároco.

Dentro em pouco associações piedosas, confrarias, obras de restauro na Igreja, eram mais focos a arder atiçados pelo ardor inflamado desse apóstolo da Fé Cristã. Entretanto os inimigos de ontem rendem-se à sua bondade nata, à sua vida recta e grave como fio de prumo; eles constituem-se em aliados para a causa de Deus e dos homens. O seu dinamismo propaga-se e com outros fangueiros, (nessa altura era já um fangueiro de alma e coração) ajuda a fundar a Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de que veio a ser primeiro Presidente da Assembleia Geral e segundo Presidente da Direcção. Por largo tempo é detentor, com sábia mestria, da Vara de Juiz da Irmandade do Bom Jesus.

O entusiasmo e o método com que se entregava ao trabalho, concitam as atenções das entidades públicas que lhe pedem o favor da sua ajuda; assim, vemo-lo como Vereador da Câmara Municipal e em seguida fazendo parte do Conselho do nosso Município até culminar no cargo de Presidente da União Nacional Concelhia, que exerceu com saber e moderação durante vários anos.

Por tudo isto o Senhor Prior era admirado; e amado porquê?

UMA CHAMA A ARDER DE AMOR PELO PRÓXIMO

Um dia perguntaram a Cristo: «Mestre qual é o primeiro mandamento: amar a Deus ou ao próximo»? «A Deus e ao próximo como a ti mesmo», respondeu. «Porém, uma dessas entidades deve ser a primeira», insistem. «A Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo», finalizou o sapientíssimo Jesus.

O Senhor Prior Nogueira vivia em sequência a este plano: amava a Deus e ao próximo mais que a si mesmo. Os pobrezinhos de Fão, essa fila de indigentes que pelas ruas enlameadas, rotos e descalços, se arrastaram até Gemeses e num choro convulso e arrazante, coração cortado pela mais pungente dor, choravam e pranteavam a figura já morta do seu antigo Pároco, muito poderá dizer do carinho, desvêlo e amor com que a todos tratava e atendia.

Ele era de facto o pai dos pobres. Provedor do nosso Hospital-Asilo, esfacelou lá muito da sua portentosa actividade numa administração persistente, cautelosa e altruista, providenciando no sentido de que nada faltasse a quem àquela Casa de Caridade recorresse, fornecendo remédios, levando o conforto moral duma visita, mandando distribuir sopas diárias e envelhecendo-se sempre e mais na angariação de fundos para uma instituição pobre que é o arrimo dos nossos pobres. As eficientes e humaníssimas conferências de S. Vicente de Paulo, homens e senhoras, são ainda obra sua.

Quantas cédulas de penhor resgatadas àqueles «pobres envergonhados» a que há dias fez alusão o Sr. Prior Gonçalves! De noite e de dia, aquela campanha, por nós e por todos conhecida, tilintava continuamente; pobres e mais pobres rondavam-lhe a porta e surgiam inopinadamente no caminho a implorar o favor duma esmola.

Uma noite, sabemos nós, surgiu-lhe em casa o Pantomina.

— Senhor Prior, queria uma esmolinha que tenho os meus a morrer de fome.

— Toma lá — ripostou aquela voz larga e franca — são cinco coroas, não tenho mais para te dar; tem paciência (quase pedia desculpa por não ter mais).

— Oh! Senhor Prior, com dois e quinhentos eu não ocnsgo matar a fome àquela gente toda; todos têm fome.

— Oh! homem, tem paciência, eu não tenho mais nenhum.

— Senhor Prior tenha piedade de mim, por amor de Deus.

— Espera um pouco. E dentro em breve surgia diante do Pantomina com uma saca de farinha «roubada» na dispensa e que constituia a fornada para oito dia.

Doutra ocasião, aproveitando a saída de sua irmã, corre a buscar as borras que ainda estavam no forno e aos bocados distribui-a pelos seus pobres.

(Continua na pág. 6)



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

As alcunhas fangueiras e o seu valor

(Continuado da pág. 1)

trata da origem e significação, classificação e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes e apelidos.

Até ao início deste século, apenas foram publicados Dicionários de Nomes de Baptismo, quando surge em 1928, a publicação da Antroponímia Portuguesa, do sábio José Leite de Vasconcelos, que constitui um tratado comparativo, desde a Idade Média até esta data. (Preço actual, 10.000\$00).

Depois, foram publicados outros trabalhos em Portugal e no Brasil, de que destaco os seguintes:

— Origem e significação dos Nomes de Baptismo, do Prof. Dr. José Joaquim Nunes (1933-1937);

— Os matronímicos nos apelidos populares portugueses, do Prof. Dr. Manuel de Paiva Boléo (1953);

— Topónimos e alcunhas, de Augusto César Pires de Lima (1955);

— Dicionário abreviado de antropónimos, de Alexandre de Carvalho Costa (1957);

— Contribuição topo-antroponímica para o estudo do povoamento do noroeste peninsular, por Pedro Cunha Serra (1967);

— Estudo onomatológico do sector antroponímico, de Horácio Marçal (1970);

— Alcnhas do Brasil e de Portugal, de Veríssimo de Melo (1951);

— Origem de algumas famílias, de Salvador de Moura (1953);

— Origem e significados dos nomes próprios de baptismo, de Salvador de Moya;

— Origem de algumas famílias portuguesas.

Além destes trabalhos, outros fazem parte de estudos filológicos, vocabulários, nobiliários, genealogias, estudos etnográficos e monografias.

Entre as monografias, cito a de Ponte de Lima, Santo Tirso, Póvoa de Varzim, Matosinhos, Espinho, Ovar e Buarcos.

Enquanto em algumas, apenas são citados os apelidos e alcunhas, outras, citam também as profissões e normalmente não fazem a sua explicação.

Porém, em «O Povoiro», de A. Santos Graça, 1932, relativo à população da Póvoa de Varzim, que constitui um valioso trabalho etnográfico, aparece um capítulo referente às Alcnhas, em que são mencionados junto a cada uma, os apelidos das famílias a que dizem respeito.

Contudo, nem à data da publicação, nem quando da saída da 2.ª edição de «O Povoiro», se verificou na Póvoa de Varzim, qualquer preocupação ou aflicção. Pelo contrário, as famílias visadas, ficaram satisfeitas por serem lembradas e poderem conhecer o seu passado. As pessoas que vivem na Póvoa de Varzim, não engertam a memória dos seus antepassados, mesmo no tempo presente.

Por todo o Portugal, ao longo da sua história, as famílias e as pessoas, eram conhecidas pelas Alcnhas.

Foram as Alcnhas, que estiveram na origem da diversidade antroponímica da população portuguesa e de muitas nações no mundo.

As Alcnhas, prestam uma valiosa contribuição para o estudo toponímico, demográfico e social.

É só por vezes, através das Alcnhas, que é possível determinar os «laços» familiares, quando não se possui as suas árvores genealógicas.

As Alcnhas, quando de origem toponímica, como no meu caso pessoal, permitem o conhecimento do lugar ou localidade de origem de um antepassado. Se eu não tivesse o apelido de FANGUEIRO, por fixação da Alcnha de meu tetravô, MANUEL ANDRÉ, nascido em Fão, em 31-1-1797, só através da execução da árvore genealógica, eu conheceria as minhas raízes FANGUEIRAS.

Dado que executei este trabalho genea-

lógico até 1650 respeitante aos meus antepassados FANGUEIROS, verifiquei que os ANDRÉ em Fão, estavam divididos em vários ramos, identificados por um apelido ou por uma Alcnha.

Assim, temos Santos em 1608, Vilar em 1622, Mendes (XVIII-XIX), Branco em 1794, Camarada (XVII-XVIII) e Remédio em 1738.

Esta última Alcnha, é de meu 7.º avô, que quando casou em 1738, a viu ser inscrita no respectivo registo, passando a viver com sua mulher na Rua da Areosa. Lá continuou a viver o seu filho e neto, ostentando a mesma Alcnha.

Dado que meu tetravô perdeu a Alcnha ao entrar na Póvoa de Varzim, cerca de 1810, passou a ser alcunhado pelos «poveiros» pelo gentílico FANGUEIRO, que se conserva na família até hoje.

Assim, tomo a liberdade de através destas colunas lançar o meu apelo: Haverá em Fão alguém que ostente o apelido ou Alcnha de REMÉDIO?

Penso que a sua origem, se deve ao facto de ter havido uma Rua denominada do Sr. ou Sr.ª dos Remédios, segundo consta num assento.

Penso também, que este topónimo se tenha perdido, pois não voltei a encontrá-lo.

Espero, ter contribuído para um melhor esclarecimento dos leitores do jornal, «O Novo Fangueiro».

ÓSCAR FANGUEIRO

Os Rotários de Esposende recebem a visita do Governador

No dia 22 de Novembro os rotários de Esposende, reunidos como é costume no Hotel do Pinhal, receberam a visita do seu Governador, Eng. Manuel Seródio. Presentes como convidados especiais, o Presidente da Câmara, Eng. Losa de Faria e o Arcipreste da vila, rev. Manuel Baptista de Sousa. Os rotários de Portugal estão actualmente divididos em duas grandes áreas, os distritos 196 e 197. Esposende integra-se neste último. O Governador do distrito rotário tem por obrigação estatutária visitar todos os clubes da sua jurisdição. Inteira-se da forma como os clubes se despenham do seu ideal de servir, apresenta novas formas de actuação, sugere rotas, incentiva a criação de novos projectos e estimula o acabamento dos já iniciados.

Como é do domínio público, os rotários de Esposende lançaram-se na aventura de erguer uma casa para uma família pobre e numerosa de Curvos. Em que trabalhos eles se foram meter! Tem sido uma luta árdua, cheia de escolhos, propiciadores de desânimos, mas preenche também de arrancadas fulgurantes. O Governador congratulou-se com a iniciativa dos rotários de Esposende e a propósito espendeu doutrina sobre o ideal de servir. Falou

inclusivé nos milhares de contos que a Fundação Rotária Portuguesa está a gastar por ano com os seus bolseiros a quem concede uma mensalidade para que possam prosseguir os seus estudos. Estes rapazes e raparigas mais tarde — disse o Governador — não esquecerão que conseguiram tirar os seus cursos graças ao esforço de meia dúzia de homens generosos e eles próprios serão os mensageiros do ideal de servir; eles próprios, contagiados por um exemplo que os tocou de perto, dimensionarão o seu viver na rota de filantropia e saberão por experiência própria que o ser humano é um ser que se deve preocupar essencialmente com o seu semelhante. E assim o mundo será melhor.

O sr. Arcipreste, na altura própria, recebeu um cheque destinado a subsidiar os estudos de um seminarista pobre de Esposende, seminarista este — esclareceu o P.e Baptista de Sousa — que já vai no 2.º ano de Teologia, faltando portanto dois anos para acabar o seu curso, graças à boa-vontade dos rotários de Esposende.

O Eng. Losa de Faria também se congratulou por ali estar presente junto de homens que prosseguem um ideal maravilhoso, qual é o de dia a dia se preocuparem com as condições de vida das pessoas da sua comunidade.

Encerrou a sessão o Presidente do Clube de Esposende, Simplicio de Sousa que no desempenho das suas funções se tem multiplicado e desdobrado com o acabamento da casa de Curvos, prosseguindo a magnífica obra iniciada no tempo do seu antecessor dr. Agostinho da Rua Reis.

Se alguém tiver em casa uma fechadura ou um prego que lhe sobre de obras anteriores, os rotários de Esposende saberão dar-lhe neste momento o destino certo.

Nova Furmatura

Terminou o curso de Eng. Técnico pela U. P. o nosso amigo Ernestino Belo do Sacramento. Felicitamos vivamente o jovem engenheiro, mas sugerimos-lhe que não deixe de lado o viola que aliás dedilha com verdadeira arte. Tem a quem sair, não é Né Glória? (seu babadol...)

P. e António Alves Nogueira

(Continuado da pág. 4)

Um certo dia de manhã, calcurriava a estrada de Apúlia-Fão, quando, de repente, lhe surge a estender um braço um pobre pedinte, que deveras comoveu o coração sensível do Senhor Prior. Não titubeou. Dentro da sua algibeira tilintavam algumas moedas provenientes de um Ofício celebrado em Criad.

«Toma lá», e inteiro ofereceu o dinheiro recebido. Naquele momento, cremos, a alma daquele defunto adiantava-se verdadeiramente para a Suma Bem Aventurança.

É ainda voz corrente que, certa feita, dirigindo-se para Esposende e deparando com um pobre desroupado e tiritando de frio, entrou num campo, desabotoou a batina e entregou ao desgraçado a própria camisa que trazia no corpo.

Este último caso não o podemos provar. Dizem. No entanto, possíveis lendas, fragrantemente de caridade, poalhentadas de altruismo, costumam só rodear figuras santas como o foram um Padre Cruz, um Padre Américo, um Padre Damião e outros de igual envergadura.

As crianças, mais uma vez o repetimos, constituíram uma das principais preocupações da sua vida; seria muito para integrá-las no recto caminho do Dever Cristão; era muito também porque o chilrear inocente das almas infantis sincronizava bem com a sua alma pura e cristalina, nobre e simples.

(...)

Sua nobreza de carácter impressionava; a calma olímpica e uma bondade permanente para o insulto, determinaram nele a figura de HOMEM BOM. Aquela boca nunca se abria para um queixume sobre alguém. A algumas cartas menos felizes, respondia sempre como o iniciativo: «Meu caro e Amigo...»

Era o Evangelho, sincera e verda-

deiramente aplicado... «Se um dia te baterem numa face, estende logo a outra»...

Este somatório de virtudes, esta abnegação e apostolado inexcedíveis, rodearam o Senhor Prior, o nosso muito querido e chorado Prior (será que 36 anos de convívio não nos confere o título de posse?) de uma auréola de santidade. Para nós era um Santo. A sua morte glorificou-o em exemplo de virtudes sempre a seguir e sempre a admirar».

Pagaram Assinaturas

José Arantes Gomes, Fão (Café Snack-Bar Caldeirão), 500\$; Quenor Gomes Ribeiro, Fão, 850\$; António Gomes de Baixo, Fão, 500\$; Manuel Ribeiro Neves, Fão, 500\$; Dr. Américo Ribeiro dos Santos, Braga, 500\$; Dr. António Martins Soares, Guimarães, 500\$; Manuel Conduto da Mota Pais, Fão, 850\$; António José Reis, Fão, 500\$; Dr. Bettencourt de Sousa, Porto, 1000\$; Dr. José Borda Rodrigues, Fão, 500\$; António Maria Carvalho de Jesus, Fão, 500\$; José Manuel Esteves Marques Correia, Fão, 500\$00.

Bem hajam.

HOTEL NÉLIA DINAMIZA-SE

Na última sexta-feira a Administração do Hotel Nélia promoveu um «vi-

nho do Porto para apresentação do novo Director daquela unidade hoteleira, Manuel O. Augusto. Canadiano, de origem portuguesa, fanado fluentemente o idioma nacional, o novo Director Geral do Hotel Nélia dirigiu na América do Norte algumas conceituadas organizações Hoteleiras, nomeadamente o Hotel Sheraton no Quebec. A imprensa canadiana e bem assim a televisão e a rádio fizeram sempre referências elogiosas a Manuel Augusto considerando-o um dos mais dinâmicos promotores-directores da Hotelaria Canadiana.

Com certeza que tão promissor curriculum nos assegura que o turismo concelhio fez uma boa aquisição.

Presentes na cerimónia, além de várias pessoas ligadas ao turismo nortenho o Presidente da Comissão de Turismo do Alto-Minho, dr. Sampaio.

A sub-Directora das Organizações Nélia é Dulce Ferreira, filha do nosso amigo Manuel Ferreira, o dinâmico «patrão» da empresa.



ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SA PEREIRA — TELEF. 961845

LongaVida



o que é bom da natureza

FACHOS

Ruínas de valor histórico em Fão

Esta memória descritiva do Facho da Bonança fol-nos presente pelo nosso bom amigo Óscar Fangueiro que no final teve oportunos comentários.

Durante largos anos desconheceram-se as origens das ruínas a norte da capela da Senhora da Bonança, junto ao Pinhal de Ofir, manancial das mais pitorescas histórias que a imaginação do povo transmitiu através de gerações — caso depois tratado na separata do Boletim Cultural, editado na Póvoa de Varzim em 1967 em que se publica o «Regimento dos Fachos de 1831» e aí descrevem-se as ruínas da Bonança.

Durante o reinado de D. Miguel, quando das lutas com os liberais, foram criados os «fachos da borda do mar na província do Minho» para vigilância da costa e «dar parte dos movimentos de navios com movimentos suspeitos» e evitar assim, invasão de surpresa. Estabeleceram-se comandos dos fachos em Vila do Conde e Esposende,

divididos em duas linhas — direita e esquerda respectivamente — com os fachos de Penedo, Aguçadoura, Abremar, Castelo da Póvoa, Cachinas na linha direita e Apúlia, Bonança e Esposende na linha esquerda. Os restos do facho da Bonança — ainda conhecido pelo lugar do Facho — constituem os vestígios desses postos que se supõem tiveram preponderância.

Sendo assim, as ruínas têm valor histórico e merecem estudo e a indispensável protecção. Recorde-se que, no verão passado, foram apearadas algumas pedras do friso superior e outras ainda desapareceram, sendo difícil a sua reconstituição. São documentos que, portanto, convinha acau-eelar e para os quais, a comissão de Arte e Arqueologia da Câmara Municipal de Esposende poderá tomar as providências ao seu alcance. É bem provável a descoberta de elementos relacionados com o facho da Bonança se, entretanto, houver os estudos e a necessária protecção destas ruínas.

Curiosamente, nas localidades onde existiram fachos, actualmente instalaram-se postos da Guarda Fiscal, cuja missão, segundo parece, é semelhante.

Revista de Medalhística «A MEDALHA» de A. Marques Pinto — pág. 72 «ECOS». Autor: Martins Rego.

Este trabalho foi publicado há alguns anos atrás, pelo que o autor poderá ter Pergunto, a quem pertence o Monumento? Quem cuida da sua conservação e protecção?

Fão não pode permitir a sua destruição!

O F.

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva
Dr.ª Morla Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Óscar Fangueiro
Cecília Palvão Amorim
Dinis de Vilarelho

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saralva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 60318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

Aumente o seu Colesterol

Sempre ouvimos dizer que o frio abre o apetite. Pois então agora é que o Colesterol vai dar uma subidinha jeitosa!...

E nós cá estamos para o ajudar a subir... agradavelmente.

Senão, vejamos:

VITELA ENROLADA COM MOLHO DE TOMATE

Corta-se a carne de vitela em fatias delgadas, que se esfregam com alho picado e se polvilham com sal e pimenta.

A parte, pica-se presunto e salsa, muito finamente, e estendem-se sobre as fatias de vitela. Enrolam-se estas, prendendo os rolos com linha forte, para não desenrolarem. Deixa-se um pouco a tomar de gosto.

Põem-se depois a fritar em lume brando, numa frigideira com manteiga. Logo que estejam fritos retiram-se da frigideira e deita-se nela um tomate cortado aos bocados, (sem pele nem sementes) rodela de cebola e dentes de alho bem picadinhos. Deixa-se fritar um pouco esta mistura e depois passa-se pelo «passe-vite», acrescentando-lhe um pouco de caldo.

A seguir, põe-se o molho que resulta ao lume e nele se deixam aquecer os rolos de vitela.

Antes de ir para a mesa, tira-se-lhes a linha que os segurou.

Já estamos a ver o Colesterol a dar um saltinho...

E agora, uma coisa docinha, para adocar a boca a Sua Ex.ª:

BOLO DE MAÇÃ

Maçã descascada e cortada às rodela finas: — 400 gramas.

Açúcar: 300 gramas.

Farinha (com fermento): 300 gramas.

Ovos: 3.

Leite: 1 copo grande.

Manteiga: 150 gramas.

Uvas passas, nozes e canela: q. b.

Bate-se a manteiga com o açúcar e as gemas, e depois junta-se a farinha, o leite e as claras em castelo.

Numa forma untada com manteiga (ou margarina) e polvilhada com farinha, deitam-se alternadamente camadas desta massa e camadas de rodela de maçã, sendo a última camada de massa. Cada camada deve ser polvilhada com nozes, umas passas e canela, incluindo a camada que fica por cima.

Coze em forno médio.

Esperamos que lhes agrade, e ao Colesterol também... Até à próxima, se Deus quiser.

TIA MARIQUINHAS

ÓPTICA *Oliveira*
ALEIXO FERREIRA, L.D.A.

création ARMAÇÕES — ÓCULOS SOL

AZAL

RUÀ DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

Colóquio sobre Manuel de Boaventura

A Câmara de Esposende através da Casa da Cultura comemorou o I Centenário de Manuel Boaventura com um colóquio em sua honra nos dias 23 e 24 de Novembro.

Os participantes ficaram divididos em quatro secções que preferenciavam os temas: «Arqueologia», «Manuel de

com as conclusões apresentadas pelo dr. Sobral Torres.

De concreto ficou assegurada a reedição dos principais textos do escritor.

Tanto o palestrante da última sessão como o Presidente da Câmara que encerrou os trabalhos lamentaram a ausência de esposendenses no decorrer dos trabalhos. O Eng. Losa de Faria revelou ainda que a Escola Secundária local havia recusado as suas dependências para a realização do certame.

Quer fosse por motivos políticos ou pessoais entendemos que realizações desta

envergadura deviam ter o apoio de todos os residentes locais. Verificou-se a adesão de dezenas de especialistas em História, Etnologia, Arqueologia e Linguística, tratava-se da homenagem ao escritor mais importante do concelho, era em suma uma jornada de cultura pelo que se impunha a presença de mais pessoas.

Não nos venham dizer que a intelectualidade esposendense esteve toda presente nas sessões de trabalho; não nos parece também que a verdadeira cultura possa ser refractada pela política, seja ela local ou nacional.

Não se devem misturar alhos com bogalhos.

E depois está em causa todo um trabalho realizado ao longo destes anos pelo dr. Albino Neiva, operoso Director da Casa da Cultura de Esposende, um director que Esposende não merece.



Boaventura: vida e obra/Literatura», «Estruturas Sociais» e «Aspectos etno-culturais».

No sábado, 23, houve no Salão Nobre da Câmara uma sessão solene em que o dr. António Losa traçou a rota literária seguida por M. Boaventura.

No domingo à tarde e na mesma sala realizou-se a sessão de encerramento

O Mundo em que vivemos

A linguagem de todos nós

Aconteceu no Algarve, e tem a beleza e o sabor de um conto de Natal.

A Cátia Alexandra, de dois anos, filha de um modesto casal algarvio, estava condenada à morte por uma doença que afectava o seu pequenino coração, para a qual os médicos não tinham solução por falta de meios técnicos.

Numa hora de maior desalento, o inconformado pai, no bar em que era empregado, desabafou com um casal inglês e disse de toda a sua dor, de todo o seu drama, de ver a sua pequenina filha morrer pouco a pouco, sem lhe poder valer.

O casal de turistas ingleses sentiu como sua a dor daquele pai. Regressados a Inglaterra, contaram o caso a um jornalista, que divulgou a notícia.

É então que se assiste a um verdadeiro milagre: a Imprensa, a Rádio, a Televisão, solidarizam-se com o drama da família algarvia. O público adere, acorre a contribuir.

Não há barreira de diferença de línguas; há, sim, uma linguagem universal, que aproxima todos os povos: a da solidariedade, a do sentimento fraternal que nos faz sentir como nossa a dor alheia.

Os donativos chovem. Reune-se o

dinheiro necessário — e até mais — para a deslocação da criança doente e dos pais a Inglaterra. Um cirurgião de nomeada ofereceu-se para a operar sem nada querer em troca. A cadeia de boa-vontade continua. São doze os médicos que dispensam à pequenina portuguesa o melhor da sua atenção e do seu saber.

A operação correu bem. A menina, curada, regressa a Portugal com seus pais, esmagados por tamanha alegria.

E o casal inglês que salvou a Cátia, que foi afinal o principal obreiro deste milagre? Lá ficou em Inglaterra, feliz com a felicidade que proporcionou.

E, como se costuma dizer que «os povos felizes não têm história», cremos que dos casais felizes se poderá dizer a mesma coisa...

E. Real

Natal do Prisioneiro

Nesta noite de Natal
Chela de Amor e Perdão
Venho dar-te o meu abraço
Como de irmão para irmão...

Lembremos o nascimento
De Jesus, o Redentor
Que veio para salvar
Todo o homem pecador.

Tu que vives prisioneiro
Sem lar, sem fé e sem luz...
Longe dos teus, com saudade...

Segue os passos de Jesus
Ele é o Caminho e a Vida
Que te dá a Liberdade...

CECÍLIA AMORIM



BOM NATAL

A todos os colaboradores, anunciantes e leitores, desejamos Boas Festas e Feliz Ano Novo.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO